

HEIDEGGER E A QUESTÃO DA TÉCNICA: COMO HABITAR POETICAMENTE A TERRA NA ERA TECNOLÓGICA

HEIDEGGER AND THE QUESTION ABOUT THE TECNIC: HOW POETICALLY
HABIT THE EARTH O THE TECHNOLOGICAL CIVILIZATION

Luiz Gilberto Kronbauer¹

Resumo

O texto que segue apresenta as ideias básicas de Heidegger sobre a civilização tecnológica e mostra que ela representa ao mesmo tempo continuidade e ruptura com a metafísica tradicional e a forma de relação do ser humano com a natureza. Parte do pressuposto de que na tradição ocidental a natureza sempre foi definida como algo que está à disposição, utilizável e manipulável (*vorhande*) e que isso persiste na tecnologia moderna, mas que essa, por sua vez, a considera simplesmente como depósito e estoque de energia, sempre disponível à exploração, forçando-a à contínua emergência, sem permitir a retração, e assim acarretando a degradação. Para habitar poeticamente a Terra faz-se necessária uma nova topografia da natureza, capaz de quebrar o feitiço da “presença constante”, a fim de restituir à natureza a sua dinâmica própria, como forma de evitar sua total degradação. E nisso consiste a ética ambiental de Heidegger: habitar adequadamente a Terra.

Palavras-Chave: Técnica, Heidegger, metafísica.

Abstract

The following text presents the basic ideas of Heidegger on the technological civilization, and shows that it represents both continuity and rupture with the traditional metaphysics and the form of relationship between humans and nature. It assumes that in the Western tradition nature has always been defined as something that is available, usable and manipulable and that that persists in modern technology, but that this, in turn, simply considers the nature as deposit and storage of energy, always available to exploitation, forcing it into continuous emergency, allowing no retraction, and thus causing degradation. To poetically inhabit the Earth, a new topography of nature, capable of breaking the spell of “constant presence”, in order to restore nature to its own dynamics, as a way of avoiding its total degradation, makes itself necessary. That is Heidegger’s environmental ethics: inhabit properly the Earth.

Keywords: *Tecnic, Hedegger, Metaphysics.*

¹ Doutor em Educação pela UFRGS. Professor do Departamento de Fundamentos da Educação da UFSM. Coordenador do Programa Especial de Formação de Professores para a Educação Profissional.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Voll Verdienst, doch dichterich, vohnet der Mensch auf dieser Erde.
Cheio de méritos, no entanto poeticamente, o ser humano habita sobre esta Terra.

Heidegger volta diversas vezes a esse verso de Hölderlin para lembrar que, apesar de nossas grandes cidades e sistemas de transportes, de produção e distribuição de energia, dos avanços das tecnologias de intervenção sobre a vida, os seres humanos continuam morando sobre a terra, ou, em meio à natureza, participante dela e dela dependente. A pergunta de partida para pensar a questão da técnica, diante do quadro de degradação dos ambientes naturais com que deparamos a cada dia e por todas as regiões do planeta, poderia ser a seguinte: De que modo deveríamos lidar com a tecnologia para que ela nos proporcionasse meios para morar apropriadamente sobre a terra?

A questão mais radical dirige-se, porém, ao nosso modo de relação com a natureza e que pressupões uma concepção da mesma em sua relação conosco. Essa questão da nossa relação com a natureza, relação teórica e prática, não uma questão de ciência natural, muito menos de técnica, mas uma questão ontológica. Na linguagem do autor, a questão central da metafísica ocidental, que definiu a natureza como presença constante, como aquilo que é manuseável e, de certa forma, ainda em sua naturalidade, mas objetificável. Característica que se tornou predominante na ciência moderna que, com Descartes, definiu-a simplesmente como ‘res extensa’ e que com a tecnologia de domínio e de transformação se tornou simplesmente recurso natural, reserva de energia, que não está simplesmente à mão (*vorhanden*), mas cuja presença se define como estoque.

Se a metafísica é o que fundamenta uma época, no sentido de ser a base sobre a qual se constrói o conhecimento e o domínio dos fenômenos, pode-se afirmar que a tecnologia é a metafísica de nossa época, porque ela se tornou-se o modo de pensar o ser, a estrutura ou a armação (*Gestell*) da ordem humana, que, na afirmação e Heidegger, poderá levar à extinção completa da humanidade pelo fato de nos tornar ávidos por nosso próprio poder e de nossa posição no mundo. Já não procuramos nos adequar ao “cosmos”. O mundo se nos tornou fonte de recursos; estoque de energia sempre à disposição.

Na conferência sobre a questão da técnica (*Die Frage nach der Technik*), proferida no dia 18 de novembro de 1953 no *Auditorium Maximum* da Escola Superior Técnica de Munique, já afirmou que a crise ambiental tem sua origem no mesmo solo das outras épocas: a compreensão de natureza da tradição metafísica e, por consequência, a forma de relação que estabelecemos com o ambiente natural, consonante a essa compreensão. Ao longo da história prevaleceu uma concepção de natureza que pressupõe que ela esteja sempre aí, à mão (*vorhanden*), quando o acesso mais primordial à natureza se dá através do envolvimento, do ajustamento, da afinidade com a natureza. Mas é preciso retroceder mais e entender que a compreensão da natureza supõe a compreensão do “ser”. A metafísica é, portanto, o fundamento, mas há que se lembrar que a compreensão da natureza dos gregos, como *physis*, *logos* e *hypokeimenon*, era parte de uma cosmovisão, cujo significado a modernidade modificou radicalmente com a ciência.

Diante do significado de natureza adotado pela ciência moderna e da prática decorrente, Heidegger pretende resgatar uma forma de relação mais primordial com a natureza, como morada

poética, indicando uma perspectiva diante da relação tecnológica predatória e de devastação do meio. Ele sugere uma nova “topologia” da natureza, baseada na unidade entre pensar, habitar e o poético. Talvez invertendo a ordem de prioridade, porque a harmonia se dá no “habitar”. Mas não se trata da sugestão ingênua de abandonar a técnica moderna, até porque não há como ‘desembarcar’ da história, o que também contradiria a tese da radical historicidade do ser humano e da temporalidade do ser. Ele propõe a prática de uma forma de técnica ao modo da ética do cuidado, colocando as bases de uma filosofia ambiental e de uma **ética ambiental como** filosofia primeira. Como se, diante da crise ambiental, perguntasse: como viver no mundo da tecnologia e ainda assim habitar apropriadamente a Terra? E respondesse: pelo cuidado, cuja fábula Heidegger resgatou em *Ser e Tempo*. (HEIDEGGER, 1989, § 42, p. 263). Mas a atitude do cuidado afronta toda a tradição da metafísica ocidental e o seu peso histórico na relação do ser humano com a natureza. Por isso a rememoração dos fundamentos de nossa civilização.

RELER CRITICAMENTE A METAFÍSICA DA NATUREZA E A CIVILIZAÇÃO TECNOLÓGICA

A nossa relação com a natureza, tanto no plano cognitivo quanto no domínio prático-produtivo, não é uma questão de ciência natural. A questão da própria relação está em jogo ao nos colocar a questão de como ainda estamos ligados com aquilo que é enquanto tal, como um todo e em toda parte: a tecnologia? No texto *Die Frage nach dem Ding*, Heidegger (1962) sugere que pensemos sobre a nossa pertença ao meio na forma de presença, para evitarmos o falso romantismo, de crer que a ‘crise ambiental’ é simples resultado da relação prática predatória, de destruição ou de degradação do ambiente natural, sem questionar mais profundamente a história da metafísica ocidental. O falso romantismo faz com que apostemos artificialmente e de modo superficial numa “ética ambiental” para resolver essa crise.

A crise pode tornar-se oportunidade de resgate do sentido mais radical da natureza, como nossa morada, desde que se proceda um questionamento mais radical, iniciando pela reinterpretação daquilo que entendemos por ‘natureza’. Mas há que se prevenir da opção fácil por um ‘retorno ao primitivo’. Heidegger postula uma compreensão pós-metafísica e pós-tecnológica de natureza. Algo mais do que metafísica; não a rejeição à tecnologia, porque ela é a textura do imaginário ocidental contemporâneo. Por isso que, ao tratar da tecnologia como domínio da natureza, na ‘Carta sobre o Humanismo’ (HEIDEGGER, 1946, p. 62), afirmou que “pode ser que a natureza esteja ocultando sua essência, na face que ela mostra para a usurpação tecnológica”, i. e., na forma específica em que ela é forçada a se mostrar enquanto submetida às exigências da tecnologia que a reduz a estoque ou a reserva de energia sempre à mão. Suspeitando de que esse modo de ‘operar’ com a natureza tem raízes profundas na história do ‘ser’, Heidegger opta por fazer uma releitura da “metafísica”, pois pouco importa nosso modo de interpretar os entes (matéria, espírito, energia, substância, ideia, devir, vida, vontade, eterno retorno, etc.), o que importa mesmo é que os entes aparecem à luz do “ser”; no âmbito mais amplo da visão metafísica, que pensa o “ser” para entender os entes em geral, no seu caráter de entes”. Continuando essa reflexão, em *Die Zeit des Weltbildes* (HEIDEGGER, 1938, p. 58), ele afirma que a Metafísica é o fundo de uma época – não o conjunto da maquinaria, dos circuitos eletroeletrônicos e sistemas da atualidade, mas a base que sustenta a “verdade” e o domínio dos fenômenos de uma determinada época.

Neste sentido é que se pode dizer que a tecnologia é a metafísica de nossa época, porque ela especifica e estabelece o ser de todas as coisas tidas como entes. Se a especificidade de um momento histórico se assenta sobre uma metafísica (da natureza) pode-se perguntar se a tecnologia é essa base ontológica de nossa época ou se ela é desdobramento de uma história da metafísica que vem desde as bases da civilização ocidental. Se há algo de realmente novo na ‘tecnologia’ temos que mostrar no que ela se diferencia da tradição para ser efetivamente a nova forma de a-letheia dos entes. Ao afirmar que vivemos a “era da tecnologia moderna” estamos supondo que a tecnologia é constitutiva da “existência contemporânea”, assim como a cristandade o foi da Idade Média, por exemplo. A tecnologia se tornou a totalidade que preserva e toma como exclusiva a dinâmica da *techné* grega, que o autor denomina de *Her-vor-bringen*, no sentido de fazer aparecer fora, exteriorizar, forçar a sair de si.

Para avançar na crítica à tradição metafísica, em *Was Heist Denken* (HEIDEGGER, 1971b, p. 50), o autor acentuou que a natureza, que vem à presença ao modo da *phusis*, tem origem numa produção em si próprio, como o nascer de uma planta, enquanto que aquilo que é produzido pelo artesão, pelo artista, tem sua origem nestes - não é auto produção. Mas se na *techné* antiga e no processo de produção tradicional ainda se respeite o dinamismo dos entes naturais, o mesmo não se pode afirmar da produção na “era tecnológica”. Ela se distingue radicalmente daquela poiesis do artesão porque já não responde ao ser daquilo que é assim por natureza (*idem*, p. 50). A tecnologia não responde aos entes. Ao contrário, força-os a sair de si e extrai ao modo de quem ataca seus recursos para capturar sua energia. A tecnologia impõe à natureza a exigência de ser “estoque”, de fornecer energia para ser armazenada. Isso acontece quando ela provoca a matéria (o átomo) a produzir energia atômica, exemplificou o autor (HEIDEGGER, 1958, p. 58).

O desvelamento (*aletheia*) efetivado pela tecnologia não se restringe a ‘entrega’ daquilo que a natureza é, para apenas dispor dela. A tecnologia visa controlar, dominar, para fazer render mais, como acontece no caso da “transgenia” e também da “agricultura de precisão”, em que há cada vez menos relação direta (sensório-corporal) com o meio envolvente. O produtor está cada vez mais distanciado pela mediação da “maquinaria tecnológica”, de tal sorte que ela se constitui numa metafísica e num novo modelo epistemológico no qual a natureza já não está próxima porque o projeto tecnológico constitui uma recusa total à proximidade (FOLTZ, 2000, p. 116). Por essa razão Heidegger conclui que a tecnologia é a expressão definitiva da ‘vontade de poder’.

Parafraseando a interpretação de FOLTZ (2000, p. 26), a tecnologia impõe a sua lógica. Ela não é um meio que pode ser empregado indiferentemente, assim como o fazemos com a técnica e as técnicas particulares. Tomando o exemplo da agricultura, ela é essencialmente diferente das técnicas anteriores, porque intima o solo a produzir um rendimento que somente uma grande quantidade de fertilizantes e pesticidas químicos pode provocar. (HEIDEGGER, 1954, p. 22). Intimado pela tecnologia, o “ser” do ente é ser recurso, estoque, continuamente disponível. Por fim, a tecnologia determina também desejos e comportamentos humanos.

Para marcar a diferença, em *Die Fraga nach der Technik* (HEIDEGGER, 1954, p. 24) o autor diz que a técnica construía pontes de madeira, ou mesmo de concreto ou de aço, já a tecnologia constrói represas porque considera o “rio” um estoque de energia. E se o rio ainda faz parte da paisagem, é apenas como objeto disponível para ser explorado pela indústria turística. Por isso o autor entende

que a “tecnologia” é, em nossa era, o modo de desvelamento da natureza, de tal sorte que deixar-se afetar pela beleza de um fenômeno natural, como de uma paisagem, é hoje mera experiência subjetiva. Objetivamente prevalece a tecnologia.

AINDA É POSSÍVEL EXPERIENCIAR A NATURALIDADE DA NATUREZA?

Segundo FOTZ (2000, p. 29), Heidegger mostrou o sentido restrito de “natureza” ao modo da tecnologia, isto é, os entes como disponíveis ou a natureza como reserva permanente, como fonte de energia que move o mundo econômico. “A tecnologia define a natureza como estoque”. Parece correto supor que a natureza é aquilo que está à mão e que é desvendada no nosso envolvimento, na nossa preocupação (*sorgen*) com ela. O acesso primeiro ao mundo não é nem teórico nem econômico. A natureza significa ambiente natural, que nos envolve. Quando ignoramos essa proximidade, essa pertença, ela se torna algo meramente presente, e então o nosso envolvimento originário com ela se obscurece. Na tradição, desde os gregos e modernamente com o impulso do cartesianismo, a natureza é considerada como presença constante e que, enquanto es extensa, pode ser mensurada – e a matemática tornou-se a forma de assegurar a presença. Então a natureza deixou de ser dádiva para tornar-se “objetividade”, isto é, um conjunto de objetos dados, assegurado de antemão pela objetividade do ‘cogito’ autofundado, ou pela a percepção transcendental.

Para a mentalidade científica e tecnológica a natureza está constantemente presente à subjetividade como algo mensurável e calculável. Isso não é mera teoria. É a natureza enquanto objeto para o sujeito, mas enquanto posta pelo sujeito como oposta a ela: objectum. Para lembrar Kant, a razão somente pode conhecer objetivamente aquilo que ela própria representa como objeto; ela constrange a natureza a responder às condições ‘a priori’ da razão. E isso de certa forma caracteriza a ciência moderna, experimental, de controle dos processos através do rigor metodológico. A ciência moderna funda, por sua vez, a tecnologia, no sentido de que ela já ataca a natureza, exigindo que ela se mostre objetivamente como calculável e controlável.

Em *Zu Erörterung der Gelassenheit* (HEIDEGGER, 1959, p. 69), lê-se que a ciência moderna não falseia a realidade, o que ela diz da natureza não é ilusório. “A investigação científica é dum tipo de ataque à natureza, mas um ataque que, apesar de tudo, ainda deixa a natureza ser ouvida”. Ao atacá-la ela ainda a considera. Embora se limite a ouvi-la em sua objetividade, a ciência não pode evitar a plenitude essencial da natureza, de emergir por si própria, antes de ser objeto e reserva – essa emergência que os gregos chamavam de *Phusys*, ou seja, essa dinamicidade da natureza, de desdobrar-se, de emergir de si mesmo e retornar continuamente a si próprio.

Em sua naturalidade a natureza se caracteriza pelo duplo movimento de ‘presença’ e ‘auto-retração’, que consiste em abrigar-se para que a essencial possibilidade de emergência se preserve. Mas a tecnologia moderna viola essa dinâmica ao exigir que a natureza seja simples presença, na forma de reserva permanente. Deste modo ela conduz a Terra para além da esfera natural de sua possibilidade e a desgasta por impedir que se recubra sobre si. A isso que Heidegger denomina de devastação (HEIDEGGER, 1961, p. 97).

DESCONSTRUIR OS CONCEITOS PARA SALVAR A TERRA

Diante deste horizonte da mentalidade tecnológica Heidegger propõem a des-truição ou des-construção da metafísica tradicional para mostrar que a natureza originária se caracteriza pela auto emergência e é muito mais do que simples presença, objetividade, reserva permanente. Ao destruir estes conceitos ele pretende recuperar a natureza em seu aspecto abrigador, preservador e auto ocultante. Numa palavra, “a Terra” como nova concepção de natureza. A crítica seria fraca se a terminologia utilizada fosse a mesma. Por isso Heidegger passa a dizer “terra”, para falar de um tipo de relação que estabelecemos com o ambiente em que nos encontramos e que nos sustenta. Uma nova forma de relação/concepção, que substitua a dominação destrutiva pelo cuidado que cura e que salva a terra, no sentido de resgatar, guardar, preservar, proteger de forma intacta; deixar a Terra ser Terra em sua autorretração inerente e não exigir sua permanente disponibilidade como armazém de energia.

Heidegger não pretende contradizer as modernas ciências da natureza. Suas críticas fazem com que questionemos as ciências como modo exclusivo de desvelamento da natureza. Ele não descamba na opção fácil do pansiquismo, como resposta à suposta arrogância da tradição judaico-cristã diante da natureza como criatura, mas pretende mostrar que na tradição ocidental o problema é mais profundo e crucial e, no entanto, mais simples e próximo do que imaginamos. Em se tratando de nosso estar no mundo e de nossa relação com a natureza é preciso iniciar por uma Crítica à Metafísica. Segundo Foltz (2000, p. 55), para prevenir possíveis equívocos, é preciso iniciar pela distorção do significa de *vorhandenheit*. *Vorhanden* dá, à primeira vista, a impressão e que estamos autorizados a manipular a natureza à bel prazer. Mas originariamente essa palavra significa um retorno ao primordial, para alguém da metafísica clássica, em que a palavra natureza compreende todas as coisas que fazem parte no mundo e que não são seres humanos nem artefatos humanos. Em segundo lugar, designa tudo o que torna “naturais” as coisas naturais: modos da natureza, poder da natureza, conformidade com a natureza. O problema consiste em compreender os entes simplesmente como presentes, sem considerar as diferentes formas de estarem presentes. Para Heidegger, pensar é pensar essa diferença, ainda que tanto o ser humano quanto a árvore estejam aí, diante de nós, como realidade e atualidade interpretáveis.

Mas a interpretação dos entes, como simplesmente presentes, obscurece as formas de ser, que pertencem aos diferentes domínios dos entes. Considerar a diferença permite perceber que estão diferentemente presentes. O problema é que modernamente se considera a natureza nos limites da ‘res extensa’ ou como conjunto factual de objetos, o que nos priva de experienciar o mundo, sem perceber que ‘o ser-no-mundo, é fascinado pelo mundo com o qual está preocupado’ (FOLTZ, 2000, p. 49), diferentemente da mera utilidade instrumental para a qual um martelo está “à mão” para ser empregado em sua especificidade. Quando esse critério da *zuhandenheit* se generaliza também o ‘rio se torna apenas força hidráulica para produção de energia’. Já em *Ser e Tempo*, em 1926, advertia que ‘as plantas do botânico não são as flores do monte; a fonte que o geógrafo estabelece para um rio não é a nascente do vale na montanha’. (HEIDEGGER, 1989, p. 70)

Por isso Foltz insiste que o problema está na distinção entre *Vornaden* e *Zuhanden*. A mentalidade tecnológica instrumental restringiu a natureza ao significado de mundo circundante, com o qual estamos como “para”, isto é, de modo utilitário. Numa palavra, como manipulável para as nossas preocupações.

Mas no sentido clássico de *Vorhandenheit*, a natureza é compreendida como a totalidade de entes do mundo, simplesmente presente. É a natureza como ferramenta, mas diferente do martelo porque não precisa ser produzida. É a natureza como madeira, pedra, etc. É a natureza utilizável, mensurável, produtiva, “para”, mas também a natureza primordial, como as montanhas, águas, rochas, matas, etc.

A questão que Heidegger nos coloca é a *befindlichkeit*, ou seja, como nós nos encontramos no mundo. E ele supõe que com o advento da era tecnológica nos distanciamos do modo adequado de estarmos no mundo. O modo adequado de estar no mundo é na forma do cuidado, no sentido de deixar que algo nos preocupe. E sobrevém a questão de porque não estamos deste modo no mundo. A resposta pode estar na história mesma da metafísica. Por isso há que reler criticamente a história do ser. Desde os gregos entende-se que a natureza está-aí, mas não de modo fixo. o Verdadeiro ritmo do ser não é de permanência ou de presença constante, mas de uma emergência abrupta, súbita, que demora e perdura. Heidegger sugere uma desconstrução da metafísica porque nesta mesma tradição os entes são apreendidos no seu ser como presença e compreendidos num modo definido de tempo: o presente.

Em *Was Heist Denken* (Apud FOLTZ, 2000, p. 78) o autor destaca que a presença pode ser predominante nos fenômenos de emergência, irradiação, ir e vir, mas trata-se de uma presença tumultuada, movimentada, de apresentação e retirada; presença-ausência. Trata-se do ser na temporalidade, ou do ser como acontecimento, como aquilo que ocorre, e que foi negligenciado na tradição, porque nela se desconsiderou a radical temporalidade do ser. Para Heidegger o Dasein é temporal, daí a natureza é temporal, o Ser é temporal: é acontecer. A verdade do ser é acontecer. O ser acontece e se retrai, como a *physis* grega: auto-emerge para fora de si mesma e retorna para si. O ser desvenda-se a si próprio no acontecer. Sendo, ele se dá a si próprio. Ele ocorre como disposição e seu acontecer é epocal.

MAIS REDUCIONISTA: A NATUREZA COMO OBJETO

Trata-se agora da desnaturação da natureza pela ciência moderna, que a dissolveu na órbita da matemática, do comércio mundial, da industrialização e da tecnologia das máquinas. Em *Vorträge um Aufsätze* (HEIDEGGER, 1961, p. 46) diz que a palavra está com o cientista, não com o poeta, e que a ciência tornou-se a teoria do real – ela considera a realidade em sua objetividade, independente das subjetividades. A ciência é teoria, pura contemplação do objeto, sem intromissão da subjetividade.

Mas a ciência, por sua vez, é representação do Sujeito. Não é uma atitude de submissão ao objeto. Ela ataca, captura, manipula o objeto para segurá-lo (*idem*, p. 55). Ela dissolve a natureza. Enquanto que o cristianismo fez dela um ente criado, um efeito da causa primeira, a ciência da natureza a transformou em objeto. Essa desnaturação que a ciência imputa à natureza é uma continuação da desnaturação do criacionismo e, ao mesmo tempo, uma ruptura.

Em *Die Frage nach dem Ding* (HEIDEGGER, 1949, p. 71), lê-se que a ciência moderna salta por cima da natureza, ignora-a ao força-la a se enquadrar simplesmente nos esquemas pré-concebidos. Sem considerar a natureza tal qual ela se dá à experiência. A objetividade depende da representação (*vorstellung*). O objeto (*gegenstand*) é o que o sujeito colocou diante de si como estando à mão; como manipulável. Daí a pergunta: o que é uma árvore florida na primavera quando dissolvida nos esquemas representacionais prévios da botânica?

Tomando como exemplo as leis do movimento, de Newton, Heidegger mostra como a ciência moderna reduz a realidade à matemática, de tal sorte que a experiência não parte da observação das coisas tal como se comportam naturalmente, mas observa-as enquanto são manipuladas ou forçadas a se comportar de acordo com a “lei” matemática. Essa é a característica da ciência moderna: tudo se enquadra no que foi previamente planejado. Mediante rigor metodológico garante-se o controle dos processos e se assegura os resultados esperados. A ciência isola o objeto e o faz responder. Ela salta por cima da natureza, sobrepassa-a, para comprovar os esquemas matemáticos previamente projetados pelo cientista, dentro de um esquema matematizante, em que a natureza é apenas um domínio no contexto espaço-temporal uniforme do movimento, também descrito dentro desta projeção axiomática. E mesmo que se faça uma ressalva aos gregos, por ainda considerarem a *phusis* na sua auto emergência e no seu retrair-se sobre si, isso não se aplica a concepção de natureza da moderna ciência que, desde Descartes, operou uma inversão dos significados de sujeito e objeto. Desde então “ob-jectum” é aquilo que o sujeito põe diante de si. Por isso que a objetividade depende do sujeito: é representação.

SEGUE O DOMÍNIO TECNOLÓGICO DA NATUREZA

Quando Francis Bacon constatou que, ao contrário das antigas artes, as ciências modernas não empregam meramente uma ligeira orientação sobre o curso da natureza, mas têm o poder de conquistá-la e subjuga-la, de fazê-la estremecer até suas fundações, ele estava definindo a essência da tecnologia, já incipientemente presente no ideal das ciências modernas. Esse tema da tecnologia tornou-se central na obra tardia de Heidegger porque, segundo ele, a ‘questão do ser, para nós, diz respeito à essência da tecnologia e sua relação ao homem presente. Essa essência da tecnologia acontece cotidianamente. Neste momento há inúmeras máquinas modificando paisagens naturais em torno do planeta. Imaginemos um prado que vai se transformando num empreendimento – um polo industrial, p. ex. Logo não haverá mais riachos, árvores nativas, arbustos, pastos, gado, pássaros, flores, etc. Tudo estará ter-
raplanado, em conformidade com um projeto feito por programas de computador que calculam tudo, que simulam, mostram como tudo ficará depois. Então é só executar... E o que dizer dos que executarão o projeto, dos que vão “construir”? Aqui as palavras ficam fora de lugar. Os construtores perderam totalmente o contato com o que significa construir. E imaginemos então se construir um “parque”.

Segundo Heidegger, a essência da tecnologia invade a nossa existência de uma maneira que ainda não notamos, de tal sorte que esse tipo de assunto ainda parece meio estranho, incomum até, isto é, faz com que nos sintamos meio que fora da morada ou sem morada, mas essa coisa estranha, no caso da tecnologia, vai se tornando vulgar à medida que sua essência vai se instalando na nossa existência sorratamente. E de tal modo que até fica estranho perguntar o que é natureza no mundo tecnológico? Que tipo de relação se estabeleceu entre seres humanos e natureza na era tecnológica? (HEIDEGGER, 1971b, p. 53)

No discurso intitulado *Der Feldweg* (Caminho Rústico), ele se dirigiu aos habitantes de sua terra natal (a *Messkirch*), para alertá-los de que a essência da técnica constituía um perigo sem precedentes, por suplantando a relação do ‘nativo’ e do poeta com a natureza, através de um processo imperceptível de desarraigamento. Parece saudosismo e alarmismo, quando se trata de uma reflexão sobre o ser da

natureza e sua relação conosco, na qual retoma a natureza como sendo a “coisa”, distinta do objeto da ciência e dos recursos da tecnologia. Ele insiste que no rústico a natureza está em sua naturalidade, relacionada com os outros aspectos do ‘mundo’. Em meio a ela acontece sua significação entrelaçado com a história, com o humano, na proximidade e na estranheza. Nesta condição a natureza nos fala: ‘a casca da árvore diz da lentidão e da constância do crescimento do carvalho’. A natureza é viva, que cresce e diz de si.

Mas a natureza só fala enquanto houver pessoas que, nascidas em sua brisa, sabem ouvi-la. E neste caso, são ouvintes de sua própria origem e não escravos da “maquinação”. Em 1958, numa conferência proferida no Japão, com o simbolismo que isso representa no Pós-Guerra, Heidegger falou do poder da tecnologia de anular o nosso mundo envolvente e de ameaçar a nossa capacidade de pensar.

E em sua pequena *Messkirch* lembrou que o que está mais próximo já não é mais *a morada na rusticidade, mas a tecnologia* – uma nova relação do ser humano com o mundo. E se isto parece estranho aos nativos é só por um momento porque a mídia vai acostumando a opinião com a artificialidade e suprimindo o sentido da “morada”; forçando os nativos a viverem num universo de representações, como se o mundo não fosse mundo. E assim, o ser humano não mora mais entre o céu e a terra. O que reina sobre a terra é a tecnologia moderna, cujo domínio ordena e rege a nossa relação com tudo o que é. A natureza se tornou uma ‘bomba de gasolina’, pura energia para a tecnologia e a Indústria. A tecnologia é agora a “estrutura” que nos mantém longe da natureza, porque o projeto tecnológico constitui uma recusa total à proximidade do face-a-face com a natureza e, em segundo lugar, do face-a-face com os outros. Simples assim: ela esconde o significado da natureza e determina a nossa relação com os entes como sendo meros objetos.

O maior problema está em supor que a técnica somente é meio para atingir fins. Meio ‘bom’, por exemplo, para a produção de alimentos e de vestuário, para o transporte e a saúde. Mas esse meio não é neutro. Ao contrário, ele determina a nossa relação com os entes, ainda que pareça apenas uma atividade humana e meramente instrumental, ao lado de outras. Isso fica mais claro ao retomarmos a correlação entre verdade e ser, porque então entenderemos que a essência da tecnologia constitui a disposição do ser como culminância da metafísica (*vornanden*), e a verdade oculta da nossa relação com o mundo. Então compreenderemos que a tecnologia é o modo de ser, de acontecer: é o que se mostra fazendo-se e se retraindo. Nisso a tecnologia atual difere da antiga *techné*, na qual o fazer-se (*poiésis*), que além do produzir algo abrangia também o emergir de um ente, de si mesmo, como o germinar do trigo. Como a *phusis*, a antiga *techné* compreendia a auto-produção da natureza, de vir naturalmente para fora de si mesma. Neste sentido *phusis* e *techne* são formas de *poiésis*, de trazer algo à aparência. *Phusis* é produção que tem origem em si mesmo e *techne* é produção cuja origem está em outro, no artesanato...

Tudo muda significativamente quando o ponto de partida da *téchne* é externo e o movimento de produção viola a *phusis*. É o que acontece na tecnologia. Ela não responde mais à natureza e não se ajusta a ela, não se afina com ela, por exemplo, ao modo de ser da madeira, como era o caso do carpinteiro artesanal. Ele escolhia o tipo de árvore, colhia-a na ocasião apropriada, deixava-a ao descanso do seu processo de secagem e então a trabalhava adequadamente. Desse modo ele ainda mantinha a soberania da *phusis* na des-ocultação. Mas isso tudo já não faz sentido em tempos de MDF.

Redefinindo, a tecnologia é a *Techne* sem o espanto, sem a contemplação; um novo modo de revelar e que nos põe em contato com algo sempre já mediado pela estrutura de produção e suas fórmulas. Em *Die Frage nach der Technik*, Heidegger pergunta sobre “como a tecnologia traz os entes à desocultação e como esse revelar oculta-se a si próprio”. Daí a preocupação com a essência da tecnologia, porque enquanto não a desvelarmos não somos capazes de saber com o que a mão do trabalhador se relaciona (HEIDEGGER, 1971, p. 54).

Quando a mentalidade tecnológica se generaliza, todos os envolvidos tornam-se inconscientes do desocultamento da natureza. O que se revela é a estrutura (*Gestell*) em que tudo é posto no seu lugar, emoldurado, desde o trabalho do cientista até o do operário, passando pelos materiais ou ‘recursos’. Essa estrutura que inclui até mesmo a fábrica e exige a presença constante de psicólogos, sociólogos, engenheiros, gestores, criminalistas, etc. para pôr tudo em ordem ao modo de aplicação objetiva da ciência moderna: tecnologia. Essa estrutura, a tecnologia, exige que se controle o tempo, a energia, as emoções, o stress... E então se percebe que esse ajustar (*stellen*) que põe em ordem (*bestellen*) não é neutro. Ele consiste em perseguir, interceptar, capturar e atacar para fazer responder ao modo predeterminado. Em “Nietzsche II” (HEIDEGGER, 1961, p. 333) enfatiza que é um atacar revelador que põe em ordem, em conformidade com as ‘leis’, assim como a ciência.

Percebe-se, portanto, a agressividade desta exigência, que tende a crescer cada vez mais devido ao aumento das demandas de fornecimento, isto é, para dar conta é preciso que se exija da natureza muito mais do que ela dá. É preciso forçar a natureza para fora (*Herausfordern*) e também extrair cada vez mais trabalho do trabalhador. Prova-o o fato de que nunca se trabalhou tanto quanto agora, até mesmo na atividade acadêmica. É preciso intimar o gestor a extrair mais trabalho, o engenheiro a extrair mais energia; extrair a celulose da madeira; extrair; extrair.

A revelação pela *téchne* acontecia em sintonia com a auto emergência da natureza, a da tecnologia vai contra esta auto-mostração. Ela é a culminância do projeto de domínio da natureza iniciado pela ciência moderna, agora com a finalidade de ter mais estoque, reserva permanente e em contínuo abastecimento. Matéria-prima, recursos naturais e humanos, tudo em exploração desenfreada. A natureza é vista como armazém de energia, e o modo do ser dos entes é ser recurso, estoque, pronto para entrega, constantemente acessível ou “presença constante” e sem chance de retração. Essa é a culminância da tecnologia como metafísica.

Segundo FOLTZ (2000, p. 127), ‘a total acessibilidade de um mundo revelado como estoque para a tecnologia excede o mundo-objeto das ciências no cumprimento da exigência metafísica de uma presença absoluta’. Desde então a desocultação da *physis* é implacável, sem limites e sem espanto; sem respeito à auto-emergência e à autorretração, necessária à conservação da natureza. É a isso que denominamos de devastação, disse Gadamer, referindo-se à Filosofia tardia de Heidegger. O resultado disso é o ‘completo descobrimento dos entes, privando-os de sua própria profundidade interna e de sua autossuficiência, de sorte que já não restam entes, mas apenas a nossa oportunidade de utilizá-los’ (GADAMER, 1976, p. 126).

Deste modo a estrutura tecnológica mascara a proximidade do mundo que se aproxima na “coisa”; mascara seu próprio mascarar-se, tal como o esquecimento de algo se esquece a si próprio em seu esquecimento. Por isso que não há saída dentro dessa estrutura. É preciso saltar para fora da tecnologia

e de sua metafísica da presença constante, a fim de podermos habitar novamente o mundo, a Terra, e para que a natureza possa falar novamente... Isso só é possível mediante o recurso ao poético, ao belo - habitar a terra.

COMO AINDA PENSAR PARA ALÉM DA TECNOLOGIA?

Radicalizando, somente saltando fora desta estrutura, num retorno ao poético, será possível fazer a experiência do pensar. A experiência do pensar tem caráter poético. O poeta vive na proximidade da coisa no ato mesmo de dizer ao modo do *logos*: acontecer, narrar, dizer, entender. A vizinhança da poesia e do pensar impregna por toda parte a nossa estada sobre a terra. Vizinhança que permite habitar, pensar. Aliás, o pensar pertence à “morada”, ao demorar-se nas coisas, estar na proximidade delas (*dicht*, daí *dichter*, poético) e isso assenta no poético, cujo dizer preserva o mundo. Essa é a justificativa para que Heidegger coloque dois objetivos, complementares entre si, para lograr êxito: “destruir a metafísica da natureza” e “habitar a terra”. Ele propõe uma reviravolta, que consiste no abandono da linguagem filosófica da metafísica tradicional e na adoção de uma linguagem poética, como possibilidade para um pensar mais rigoroso do que o conceitual - uma desconstrução fenomenológica, com uma linguagem apropriada ao assunto e que permita morar poeticamente na proximidade das “coisas mesmas”!

A tecnologia culminou na exigência metafísica da presença constante, por isso faz-se necessário retomar um pensar poético para reencontrar uma natureza mais primordial, caracterizada pela temporalidade do acontecer e pela alternância entre o emergir e o retrair-se, entre presença-ausência. O encontro com o primordial somente é possível se conseguirmos quebrar o feitiço da metafísica da presença constante.

E isso passa pela destruição dos conceitos da metafísica da natureza como presença permanente, porque é essa compreensão que está na base das oposições que se estabeleceu entre a natureza e as coisas humanas, como espírito, cultura e história. Ao considerar a natureza como algo que está-aí, presente, de forma intemporal, esquece-se que a *phusis* dos gregos é emergência ou desabrochar, que persiste, mas que retorna a si, retrai-se e se oculta.

Em segundo lugar, é preciso superar a ideia de natureza como essência, como algo que se mantém constante através das alterações, e mostrar que ela se mostra como ‘vida’ (*Zoê*), que nasce, cresce, mostra-se e se retrai. Invertendo a ordem sugerida por FOLTZ (2000, p. 153), descrevendo uma nova topografia da natureza, é preciso considerar que a natureza é matéria. É a Terra ou Matrix, que sustenta e que se abriga em tudo que emerge. Ela está em tudo. Fixadas nela e dela se nutrindo é que as plantas podem se lançar para o alto.

Em *Der Ursprung des Kunstwerks* (HEIDEGGER, 1972, p. 63), diz que a Terra esmaga cada tentativa de violá-la, fazendo com que a aparência de domínio se torne impotente. A Terra pode suportar, sustentar, conservar e alimentar, desde que seu caráter de se fechar sobre si se mantenha intacto. Por isso é preciso guardar a terra, habitá-la, como se habita o lar. Retornando ao texto de Foltz (2000, p. 169), ao reconhecermos a dimensão poética da Terra ela pode se mostrar como ‘ordem normativa’ que rege a vida e a morte dos entes e nós podemos então compreendê-la para além de *objectum* da ciência moderna (*idem*, p. 172) e, assim, considera-la como Terra-Pátria, que nos

envolve e na qual estamos enraizados (*idem*, p. 174); habilitados a perceber novamente a natureza em seu resplendor, porque no mundo tecnológico o vigor sagrado foi extirpado e a terra se tornou insegura e sem cura (*idem*, p. 178).

CONTINUAR PENSANDO: “HABITAR POETICAMENTE A TERRA” - POR UMA ÉTICA AMBIENTAL

“Cheios de méritos (os sistemas tecnológicos) e ainda assim moramos sobre a terra”. Cremos dominar a natureza, explica-la, mas a devastamos, sem nos darmos conta de que ainda habitamos sobre a Terra. Mas em meio à crise ambiental cabe perguntar de que modo ainda podemos continuar vivendo sobre a terra. A resposta de Heidegger seria: aprendendo a morar sobre ela, cultivá-la, tratar dela com cuidado em vez de simplesmente explorar. Há que preservar as qualidades mutuamente condicionantes de sustentação e auto isolamento da Terra como condição para a continuidade da vida. Mas isso não é simples, uma vez que a ‘crise ambiental’ tem sua base numa forma de compreensão da natureza e na relação prática decorrente. Não basta propor uma nova forma de relação com o mundo que Heidegger sintetiza com o verbo salvar, no sentido de resgatar, preservar e proteger de forma intacta.

Também já está suficientemente estabelecido que o problema não está na concepção de natureza como algo “à mão” (*vorhanden*), mas no fato da tecnologia nos afastar do envolvimento com ela a ponto de não nos percebermos mais como parte dela. A releitura crítica da tradição foi importante para reencontrar o significado primordial da natureza na cultura grega, a tríplice dimensão de *phusis*, logos e *hypokeimenon* (aquilo que está sub: substância), que foi esvaziado e distorcido pelas modernas ciências da natureza. A tecnologia atual acentuou o distanciamento entre o ser humano e a natureza a ponto de supor o total rompimento da relação.

Há que reunir novamente os aspectos convergentes e primordiais da *phusis* para poder morar poeticamente na terra. Isso não se dá em teoria, mas no envolvimento para restabelecer a proximidade, porque essa reunião dos ‘aspectos’ acima referidos acontece no próprio morar. E esse morar poeticamente não é atividade ao lado de outras: é o ser-em. Morar é o caráter básico da existência humana. Morar é cuidado, envolvimento, disposição (*befindlichkeit*) para que algo nos diga respeito. Cuidado é um estar na disposição para manter adequadamente, para salvaguardar, ao contrário da relação tecnológica das formas de extração mineral ou da chamada agricultura de precisão.

O “morar” acontece na linguagem, no sentido de prestar atenção ao que é essencial à poesia: mostrar o mundo, abrir, libertar - como o logos dos antigos. É junção de palavra e coisa, num dizer no qual moro e piso no mundo e no qual fundo o que permanece no aparecer e no desaparecer. Neste sentido a linguagem é a clareira em que se pode morar no mundo. E é preciso escutar, porque é no poético que o pertencer-conjunto de palavra e coisa acontecem em primeiro lugar. A natureza fala poeticamente. Ela nos diz o que dizer dela. E nas palavras estabelece-se o que perdura. Por isso há que se escutar a linguagem - guardar o ser que nela se diz. O autor utiliza a palavra *Dichter* e não o termo *Poet* para enfatizar que o poético consiste na proximidade com as coisas mesmas.

Falando mais diretamente, a solução dos problemas ambientais não é tecnológica, nem é coisa para a ciência moderna, que expulsou o poético. A solução se dá no morar, no ‘estar em casa’ na natureza, isto é, no conservar a morada. Mas uma morada abandonada ao seu próprio cuidado se deteriora.

Morar é estar dentro, no aconchego e no cuidado. Morar é conservar, como na tradição camponesa, ameaçada pela tecnologia e pelo “negócio” de uma agricultura impessoal.

Conservar implica em proteger para que possa perdurar, isto é, deixar que a natureza permaneça em sua utilização. Conservar a morada implica em utilizar, morar dentro, e não só conservar desde fora... do contrário será como uma casa desabitada... Mas o uso genuíno da casa conserva-a, não a avilta nem permite que se deteriore. Ou no dizer de Heidegger (1961, p. 114), ‘só a utilização apropriada traz a coisa à sua essência e a mantém aí’. Neste sentido, utilizar é salvaguardar o essencial da morada. Segundo Foltz (2000, p. 195), utilizar apropriadamente é algo mais do que ‘preocupação’; é cuidado que liberta a coisa na direção de sua essência, é salvaguardar no essencial.

Que coisas são conservadas no cuidado na morada? No texto *Das Ding* (HEIDEGGER, 1949, p. 86), afirmou que tudo o que diz respeito à morada, tanto as coisas produzidas quanto as coisas da natureza, porque ‘morar’ é manter-se com as coisas, deixando-as ser na proximidade: ‘o cântaro, a cadeira, o arado, a árvore, o riacho’. Morar é conservar, no sentido de salvar, resgatar e guardar. Diante da crise de deterioração da Terra, morar poeticamente é prioritariamente salvar a terra, e com urgência. É mais do que deixá-la às suas possibilidades, na sua auto-retração, porque em muitas situações ela está devastada, inóspita e também improdutiva. Morar é cultivar a terra e tratá-la, em vez de só explorá-la. É residir nela e estar envolvido nela e com ela, na forma de cuidado, assim como se cuida do lar, que só é lar enquanto habitado e preservado. E neste caso, o habitante é o guardião legítimo. Habitar é estar sobre a terra e sob o céu de modo familiar.

A terra como morada é o que nos sustenta, como disse Francisco de Assis no Cântico das Criaturas. E o que estiver em casa, o que estiver bem arraigado, pode crescer, desabrochar, florescer, abrir-se para os céus. A terra é fundamento da auto emergência e lugar do recolhimento. Por isso que Heidegger critica o dualismo de Platão (1971a, p. 161), da eternidade da alma e da corruptibilidade do corpo, porque leva à conclusão de que não pertencemos de todo à Terra. Há em Platão e em toda tradição dualista uma hostilidade metafísica à terra. Foltz (2000, p. 197) comenta que nessa concepção a Terra é considerada como algo transitório. Segundo ele, essa metafísica dualista conduz à essência da tecnologia: a terra como reserva, como algo separável do ser humano, privando-nos da Terra como ‘casa’ para morar, ao considera-la apenas como matéria, átomo, que esconde energia.

Por isso que salvar a Terra é livrá-la deste “espírito de vingança”. É libertá-la na direção de sua própria essência; trazer de volta para casa, para a origem, não consiste em explorar, mas em usar “responsivamente”, permitindo que a Terra revele sua generosidade e seu poder de sustentar. Morar e salvar se complementam de tal modo que morar é manter seguro, permitir que a terra seja terra. E nisso certamente não se pode prescindir das pequenas coisas como reciclar, reutilizar, adubar (nutrir) adequadamente no sentido de repor, de permitir que a terra se recolha novamente sobre si.

Assim compreendido, morar constitui o caráter primordial da ética - *Ethos* ou modo costumeiro de lidar com as coisas, isto é, como nos relacionamos enquanto moramos sobre a terra e em meio às coisas. Nossa relação com o mundo, com os outros e com as coisas. É um novo ethos que supera a degeneração das relações pela estrutura tecnológica. Isso passa pela compreensão e superação da razão instrumental, para que se possa utilizar as benesses da tecnologia como meios - e que não sejamos subjugados pela lógica da voracidade do consumo-e-descarte das inovações tecnológicas.

REFERÊNCIAS:

FOLTZ, V. Bruce. **Habitar a Terra**. Heidegger: Ética Ambiental e a Metafísica da Natureza. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Brief über den Humanismus**(1953). In: Wegmarken. Frankfurt: Klostermann, 1967.

_____. **Bauen, Vohnen, Denken**. In: Vortrage und Aufsätze. Pfullingen: Nespe, 1961.

_____. **Das Ding**. In: Vortrage und Aufsätze, 1949

_____. **Der Satz vom Grund**. Pfullingen: Neske, 1958.

_____. **Die Frage nach dem Ding**. Tübingen: Neimeyer, 1962.

_____. **Die Frage nach der Technik**. Anuário da Academia Bávara de Belas Artes. München, 1954.

_____. **Die Sprache im Gedicht** (1959). In: Unterwegs zu sprache. Pfullingen: Neske, 1971a.

_____. **Die Zeit des Weldesbilt** (1938). In: Holzwege. Frankfurt: Klostermann, 1972.

_____. **Nietzsche II** (Dritte Auflage). Pfullingen: Neske, 1961

_____. **Ser e Tempo I**. (Tradução de Márcia de Sá Cavalcante) 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. **Ser e Tempo II**. (Tradução de Márcia de Sá Cavalcante) 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. **Was Heist Denken**. Tübungen: Niemayer, 1971b.

_____. **Zu Erörterung der Gelassenheit**. Pfullingen: Neske, 1959.

GADAMER, Hans-Georg. **Heidegger's Later Philosophy**. Berkley: University of California Press, 1976.